

"O que seria de nós sem a ajuda do que não existe? Não seríamos muito, e as nossas próprias mentes desocupadas iriam definhar se os mitos, as fábulas, as incompreensões, as abstrações, as crenças e os monstros, as hipóteses e os chamados problemas da metafísica não povoassem a escuridão e as profundezas da nossa natureza com criações e imagens abstratas.

Os mitos são a alma das nossas acções e dos nossos amores. Só podemos agir em busca de um fantasma. Só podemos amar o que criamos."

-Paul Valéry

Embora tenhamos pistas para o nosso passado, através dos vestígios dos nossos antepassados, muito do que compreendemos é fabricado a partir do inconsciente coletivo imbuído nas profundas correntes da cultura. A compreensão do presente exige algum conhecimento do passado, mas prever o futuro exige uma capacidade de imaginar partes de um passado esquecido. As formas antigas nunca deixam completamente de existir; apenas se transformam pela imaginação de cada geração. Tornou-se tarefa do artista esclarecer e falar com o enigma do esquecimento.

Quando um artista procura uma forma de expressão, há muitas influências que se manifestam e se dão a conhecer. Uma multiplicidade de pensamentos e imagens que se fundem numa forma visível, e a direcção de um corpo de trabalho deve submeter-se a estas tendências. Daniel Castro Gamelas mostra-nos personificações femininas que são os gestos manuais dos atributos femininos. As suas formas resultam da conjuração das divindades matriarcais de uma tenebrosa memória ancestral, mas uma musa só pode comunicar indirectamente, através de um meio, e o artista torna-se o instrumento de comunicação. Gamelas submeteu-se aos arquétipos do mistério Feminino, e tem sido recompensado com e pelas formas esculturais que emanaram desta aquiescência. Os seus arquétipos são divindades da fertilidade, da criação, da protecção, da Terra, da criatividade e da compaixão. Em suma, o Feminino é a fonte misteriosa da energia vital, e para o artista é o benfeitor da forma.

Gamelas optou por não representar deusas arbitrarias, em vez disso, usa as suas influências nativas para criar autóctones ibéricos. A natureza exacta dessas divindades não é conhecida, nem o seu papel na mitologia lusitana antiga é totalmente compreendido, mas podem ser encontradas pistas nos seus nomes. *Trebopala* é o altar da casa, o lugar onde o sacrifício é feito para fornecer vida e cultura. *Trebaruna* é a protectora do lar, proporcionando resistência e abrigo para a fragilidade da vida. O que está claro é que estas são deusas de um matriarcado perdido, e Gamelas voltou a centrar a nossa atenção sobre a sua importância.

Talvez as formas femininas esculturais que Gamelas criou sejam fetiches com o poder para transformarem a nossa percepção do papel Feminino. O poder fetichista destas peças também pode ser considerado como o encarnar do Anima de Gamelas – o espírito Feminino imaginado e concretizado na forma de arquétipos femininos. É o seu inconsciente individual procurando símbolos femininos para conciliar e equilibrar o domínio patriarcal. Gamelas reconhece a necessidade de dar voz às qualidades psicológicas femininas inconscientes que todo homem possui, criando conscientemente um novo paradigma, que inclui práticas intuitivas, emotividade, criatividade e imaginação, e uma sensibilidade mística para si próprio e os outros.

A Deusa, ou eterno Feminino, é o universo, e a Terra é o seu umbigo. O mistério fecundo da criação é repetido através do sexo feminino, não do sexo masculino. As esculturas de Gamelas são uma meditação umbilical sobre o mistério da existência, e uma reconstituição do nascimento e das chamas da imaginação humana. Apesar de não serem o centro crítico das esculturas, os conspícuos umbigos nas suas peças representam pontos nodais psíquicos inconfundíveis. Ideias como esta são mais aparentes com a *Líder Cerimonial # 1*, que toca com os dedos no próprio umbigo, aparentemente contemplando o umbigo da existência humana, e nos aponta para as nossas origens. Este gesto reflecte a postura da *Venus Pudica*, mas ao contrário da *Venus Pudica*, que visa cobrir modestamente a sua vulva e os seus seios, a *Líder Cerimonial*, sem vergonha e sem rodeios, exhibe a sua plenitude e os seus atributos femininos. Com a cabeça coberta por um cabelo flamejante, as Líderes Cerimoniais são videntes visionárias da fertilidade, acompanhadas pelas suas aprendizas jovens e atléticas, as guardiãs da energia criativa.

Estas peças cerimoniais são receptáculos, fragmentados mas, ainda assim, com a vitalidade de receptáculos vivos. É só por causa da sua natureza fragmentária que podemos ver o interior, e a sua forma quebrada é uma metáfora para o culto perdido do Feminino, vestígios que montam guarda sobre as únicas figuras de corpo inteiro no ritual em exposição, a *Renovação* e a *Culto* – deusas do culto da natureza fértil, apontando para o céu, plantadas na terra; meios para a reconciliação do Homem e da Natureza.

Assim como a inspiração de um artista deve ser autóctone, as suas escolhas de material também devem surgir numa conjugação entre os propósitos e os objectivos do trabalho. A escolha da terracota por parte de Gamelas é totalmente adequada e coerente com a intenção artística e ritualista das formas que ele criou. O barro tirado da terra, o umbigo da existência humana, é devolvido à forma feminina. Assim, a fêmea que dá vida é criada a partir dos materiais da Terra que dá vida. A Deusa Eterna regressa sob a forma de receptáculos cerimoniais e deusas da natureza maternais, que por sua vez actuam como guardiãs da terra.

Nesta recorrência, vemos o ponto central do Feminino no ciclo da vida, e o nosso respeito por este ponto nodal e esta reverência pelo maternal irão restaurar o nosso respeito pela Terra. Da Terra temos o nosso ser material, e devemos fazer sacrifícios para salvaguardar

este altar. Aqui se encontra o papel fundamental do artista, ajudar-nos a entender as nossas origens primordiais e zelar pelo que devemos, no final, transmitir às gerações seguintes. Gamelas canalizou estas características essenciais de criar arte e de narração de histórias, e revelou-nos um caminho para o futuro.

Brian Craig-Wankiiri

Tradução:

Lisete Ferreira Marques